



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6112 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

A CONSTRUÇÃO VIVENCIAL DE UM QUADRO CONCEITUAL PARA A PESQUISA COM POVOS TRADICIONAIS SOB INVISIBILIZAÇÃO: O POVO XETÁ E SUA MEMÓRIA COLETIVA ATUAL

Maria Angelita da Silva - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

Nerli Nonato Ribeiro Mori - UEM - Universidade Estadual de Maringá

A CONSTRUÇÃO VIVENCIAL DE UM QUADRO CONCEITUAL PARA A PESQUISA COM POVOS TRADICIONAIS SOB INVISIBILIZAÇÃO:

O POVO XETÁ E SUA MEMÓRIA COLETIVA ATUAL

O povo Xetá é originário do Estado do Paraná, na Região Sul do Brasil, já nos séculos XVIII e XIX há registros históricos de agrimensores, aventureiros e historiadores de sua ocupação numa vasta área do noroeste do Paraná. Contudo, há também registros do processo de colonização e invasão de seus territórios ancestrais e dispersão ao longo do tempo até os dias atuais (SAID, 2011). Com esse contexto histórico e sociológico, político e econômico pôde-se observar diversas versões sobre sua condição, a mais dramática delas, a da extinção, por serem “passivos” e expressivamente “pacíficos” (CIOFFI, 1995).

Essas versões conjugam esses motivos como antropológicos e identitários, mas há um esforço em justificar e responsabilizá-los pela violência do contato e seus resultados até a contemporaneidade (SILVA, 2017a; 2019). O fato é que há anos o povo Xetá luta – antes com mais de duas mil e quinhentas pessoas (SILVA, 2017^a, p.263), atualmente, só na TI São Jerônimo, município de São Jerônimo da Serra PR, há mais de 85 pessoas Xetá, só da família de Tikuein Mã, uma das oito crianças que sobreviveram à tentativa de extermínio (SILVA, 2017a, p.94) – por visibilidade e conquista de seus direitos historicamente violados pelo Estado, trabalhos acadêmicos, empresas colonizadoras e imprensa em geral que, através de seus recursos midiáticos, os define como povo extinto (SILVA; MORI, 2020).

No caso da saga Xetá, há um adicional relevante, quando esses heróis e heroínas, quando constatamos que esses guardiões, guardiãs da memória realizaram esses feitos eram ainda crianças (SILVA; MORI, 2020). Portanto, sua memória foi registrada a partir da memória da infância (SILVA, 2017a; 2017b): essa condição merece ainda mais atenção e respeito. É o que se pode extrair da saga do povo Xetá que, segundo a etnografia brasileira e trabalho de memória (SILVA, 1998; 2003) é fruto da experiência coletada de 8 sobreviventes à tentativa de extermínio. Nesse contexto, a cultura da infância (SILVA, 2017a; 2017b), (TOMAS, 2011), (SARMENTO, 2010), (FERNANDES, 2009), torna-se um conceito chave para compreender esse drama e essa trama.

Durante o caminho percorrido da pesquisa, surgiu um problema de investigação: os conceitos que dispúnhamos para análise da história de resistência do povo Xetá não alcançavam a dramaticidade, muito menos, a criatividade desse povo que teimava em existir à revelia da tese de extinção. Não eram raras às vezes que as mídias e publicações os citavam como povo extinto. O trabalho de educação social aliado aos de pesquisa e extensão impunham uma nova forma de análise e a busca de novos conceitos, fundamentos que levassem a uma condição que pudesse contrapor invisibilização do povo Xetá (SILVA, 2019).

Foram inúmeras confrontações e protestos do povo Xetá em detrimento de versões que os condenassem a invisibilidade e extinção. Como lutar por direitos basilares [território, revitalização da língua, saúde, educação e habitação, promoção e manutenção de seu patrimônio cultural imaterial e intelectual] se, antes disso, precisam provar que existem? É como se os demais direitos fossem reduzidos ao fato de que não eram necessários, já que o povo Xetá já não gozava daquelas condições exigidas, cinicamente, como é o caso do marco temporal, ou serem falantes da língua, ou casamentos só entre Xetá [Xetá puro], para que fossem considerados de fato um povo, o povo Xetá. A história de dizimação e dispersão é tão violenta (SILVA, 1998) que elencar tais critérios é mais uma faceta da crueldade simbólica e imoral do Estado e seus agentes. A Comissão da Verdade justifica (PACHECO, 2018), (LIMA; SILVA; PACHECO, 2017), (SILVA, 2017a) o contexto de que se pede indenizações e reparos a forma truculenta como a vida dessas pessoas e sua cultura foi afetada pelo grande capital.

Foi com nessa condição, de relação entre realidade militante e realidade acadêmica, na elaboração de um artigo para conclusão de disciplina do doutorado que o documentário “As 100 maiores descobertas da Química” trouxe um insight: se os conceitos e teorias até então presentes em nossos esforços de análise e decifração da condição Xetá não eram suficientes para explicar a extinção e existência simultânea desse povo genuinamente paranaense, talvez fosse o caso de “emprestar” de outras gramáticas científicas instrumental para a leitura e interpretação dessa realidade conflituosa. Mais grave eram crianças Xetá atualmente para serem aprovadas na educação escolar formal terem que estudar e aprender que elas próprias não existiam por conta de conteúdos impressos em livros didáticos sobre a história e geografia do estado do Paraná (SILVA, 2017a). Seus direitos já eram vastamente violados, por serem minoria das minorias, por não terem aquilo que a legislação prevê como educação bilíngue, não estarem em seu território tradicional, seus conhecimentos ancestrais serem negados a elas, ainda tinham que conviver com o cotidiano escolar repleto de sinais de não pertencimento e não existência (SILVA, 2017b).

Por isso, pensar num modelo conceitual, que, muito embora fosse apenas possível enquanto analogia, pudesse fornecer novas contribuições para observar no invisível do microcosmo Xetá a possibilidade de uma defesa de sua existência, foi o que encorajou a aventura, no melhor sentido da palavra, pelo mundo micro dos átomos e partículas fundamentais. Ora, mesmo não sendo observado a olho nu, ainda assim é difícil hoje contestar a realidade atômica (BORH, 1995), (HOBSBAWM, 1988), (ISAACSON, 2007), mesmo sem enxergar é possível constatar que o mundo macro é movido pelo micro, que o micro compõe o macro.

A analogia que permitia depreender que o povo Xetá, micro/invisível era a base para a formação da identidade paranaense, brasileira, latino-americana no campo visível e macro, era possível. Que a formação da identidade local era composta desse invisível, dessa memória coletiva que compõe nossos esforços de pertencimento e historicidade nesse contexto e esforço teórico, também era possível (BORH, 1995), (EVANGELISTA, 2011). Que pensar numa história e identidade paranaense (macro) sem observar a memória coletiva Xetá (micro) é ter uma visão limitada, reduzida e precária da realidade que nos cerca e à qual pertencemos.

Foi, portanto, possível refletir a partir do documentário sobre as descobertas do mundo da química e, a partir daí, trazer novas possibilidades de relação entre as diversas linguagens da ciência e inclusive observar outros autorxs, pensadorxs, cientistas que ao longo da história da ciência fez o mesmo.

Para ilustrar podemos lembrar de Comênio e a Didática Magna (1649) que, se baseando em analogias extraídas das recentes ciências naturais, propôs um novo modelo de educação que não fosse pautado na punição, até então difundida, mas num novo modelo teórico baseado na observação da natureza e seus fenômenos; Marx e Engels com temas da Filosofia sendo aplicadas à Economia; Canclini e suas Culturas Híbridas (2008), com conceitos da biologia e botânica aplicados nas ciências sociais. Bohr (1885-1962) e Heisenberg (1901-1976) problematiza a questão conectando as novas descobertas no campo da física quântica e a possibilidade de aplicação na filosofia e sociologia. Hobsbawm (1917-2012), historiador marxista inglês, discute sobre o atraso da aplicação desses conceitos no pensamento ocidental, já que a assimilação de novas tecnologias que se beneficiaram desses conhecimentos fora abundante durante o século XX (SILVA, 2019), o que acentua a suspeita de que a ciência não goza da tão, exaustivamente, proclamada neutralidade científica.

Portanto, no caso Xetá o debate e desconforto conceitual foi reforçado quando, por necessidade e angústia houve o esforço de estabelecer novas relações para entender e, na sequência, explicar a simultaneidade entre extinção e existência desse povo atualmente. O que nos levou a elaborar um novo conceito: a transfiguração epistemológica. Assim, o conceito de transfiguração epistemológica foi fruto de uma reflexão que derivou de uma situação problema conceitual; as teorias – ao menos as que dispúnhamos, até aquele momento de investigação – não alcançavam a dinâmica prática e militante por existência do povo Xetá, pela etnografia brasileira (SILVA, 1998, 2003).

A transfiguração epistemológica que nasceu de um esforço de conexão, por analogia, entre ciência humanas e ciência exatas e, arriscamos dizer, não estava em discordância com outros esforços teóricos que também se utilizaram de tal artifício “[...], a sociologia francesa com Halbwachs (1877-1945) começa a tirar as consequências da revolução einsteiniana (HALBWACHS, 1990, p.13).

Halbwachs (1990) num momento em que, no contexto da segunda guerra mundial, as pseudociências como eugenia que, segundo Black (2003) compunham “pensadores e cientistas influentes do início do século XX” se amparou em teorias de outro campo teórico para elaborar um novo conceito capaz de confrontar versões hegemônicas. Hobsbawm (p.353, 1998) confirma a análise de Black quando arremata: “Os eugenistas extremistas acreditavam que as condições do homem e da sociedade poderiam ser melhoradas *apenas* através da melhoria genética da espécie humana”.

Embora, cientistas antes e agora afirmem que “[...] os últimos desenvolvimentos científicos têm revelado a existência de amplos setores de abordagens comuns entre diversos ramos do saber científico: a ciência é um todo.” (EVANGELISTA, 2011, p.20). Pensadores e cientistas, como W. Heisenberg (1901- 1976) que afirma: “É bastante provável que na história do pensamento humano os desenvolvimentos mais fecundos ocorram, não raro, naqueles pontos para onde convergem duas linhas diversas de pensamento”. Bohr, também contribui quando analisa quando propõe que “o estudo da constituição atômica da matéria revelou que a abrangência das ideias da física clássica apresentava uma limitação insuspeita e lançou nova luz sobre as demandas de explicação científica incorporadas na filosofia tradicional” (p.1, 1995).

Nesse sentido, Hobsbawm, num esforço de reunir elementos para sua análise a respeito das motivações que podem ter oferecido resistência ao empreendimento de diálogo

multidisciplinar para resolução de problemas da sociedade, mas que, ao contrário, segue mistificando-a e garantindo que teorias e conceitos mantenham-se distantes e mudos a uma grande parcela da sociedade, apresenta:

[...] uma reflexão baseada nos interesses em jogo, para o atraso de pelo menos um século de popularização das descobertas científicas do campo da física teórica, o que modificaria consideravelmente a compreensão da realidade, podendo inclusive, ameaçar a manutenção e promoção de uma visão de mundo que justifica, por exemplo, a exploração como estágio mais elevado do desenvolvimento da sociedade: o sistema capitalista e sua ideologia. (SILVA, 2019, p.57)

Silva (2019) propõe, nesse contexto, captando a realidade do seu campo de investigação, onde o povo Xetá considerado extinto, inclusive, passando pela validação de teorias consagradas, como é o caso o das “sociedades exterminadas” (SILVA, 1998; 2003) ousa pensar numa “[...] mudança na episteme das diversas ciências apontando para novas formas de relação entre os diversos campos do conhecimento. (2019, p. 58). A transfiguração epistemológica que, pensada a partir da reflexão sobre o conceito de *transfiguração étnica* (RIBEIRO, 1989) e as *operações epistemológicas* (CANCLINI, 2008), não se detém a transfiguração ética como estágio último de aculturação e derrocada étnica, como previa Ribeiro (1989), mas que, para além de operações epistemológicas, como propõe Canclini (2008) e, se valendo de analogias com a física quântica, observa com uma nova lente uma episteme indígena que existe como:

[..] Forma de relação de conhecimento do indígena com o mundo não-indígena - é utilizada como ferramenta para lidar com as realidades deste mundo em relação com o seu - resistindo à aculturação e assimilação na manutenção, promoção e formação de sua identidade. (SILVA, p.48)

A proposta de Silva (2019) é que

[...] o indígena, ao se confrontar com elementos culturais de uma cultura adjacente ele não simplesmente os assimila, por pressão de uma cultura superior ou pela injunção do tempo, mas ele os ressignifica, os reedita, os atualiza, usando como lente a própria episteme.[...] (SILVA, 2019, p.51)

A partir dessa reflexão buscamos, primeiramente, compor as unidades temáticas – representação de si: “Quem eu fui; “Quem eu sou?”; “Quem eu serei?”; Memória como formação da identidade; Identidade Xetá na vida atual e expectativas – essas quatro unidades representaram nossos esforços para coleta de dados e, na sequência, buscamos selecionar para a pesquisa seis sujeitos, constituintes de uma família Xetá – mãe, filha, cônjuge e netos – que vivem no espaço urbano, na cidade de Umuarama, PR. Foram três técnicas de investigação de procedimentos metodológicos qualitativos que utilizamos: Foto-elicitação (PRADO, 2016),

Técnica de Interpretação por Desenhos (TID) e Caixa da Memória, que produziram documentos orais (depoimento e história de vida), visuais (desenhos e fotografias) e escritos (textos) (SILVA, 2019).

As unidades temáticas derivaram dos nossos estudos e investigação empírica, pois mais de uma vez foi possível observar a episteme Xetá se desvelando de uma realidade insuspeita como foi o caso de uma oficina de literatura Xetá organizada pela professora Xetá, primeira na história do Paraná, em parceria com DEX/PEC/UEM em junho de 2017, quando crianças Xetá ao serem confrontadas com temas para produção textual, se utilizaram de recursos linguísticos locais – da Terra Indígena de origem Kaingang, onde residem na companhia de mais um povo: o Guarani (SPENASSATTO, 2016) – midiáticos, e identitários de sua cultura, atribuindo aos mitos Xetá centralidade em suas narrativas.

Outra ilustração para compreender a formação da identidade através da memória coletiva Xetá que se dá por uma episteme própria, foi o caso de Tiquein – um dos sobreviventes à tentativa de extermínio nas décadas de 1959-1969 – ao recitar, enquanto ato narrativo, processo educativo desse povo (SILVA, 2003), um cardápio para uma festa de casamento. Como policial militar “[...] apesar de ter passado 30 anos na cozinha do regimento, ao ser provocado a elaborar um cardápio – (29 de agosto de 2017), a menos de três meses de seu falecimento [...]” (SILVA; MORI, 2020, p.564)

Nossa hipótese, confirmada pela análise dos dados coletados foi que a identidade Xetá resiste ao tempo e ao processo ininterrupto de colonização (SAID, 2011) através da memória coletiva (HALBWACHS, 1990), (BOSI, 1985) enquanto instrumento de construção e reconstrução na formação da identidade (MORI, 1998). “A relação com a sociedade não-indígena, desenvolvida no quadro da dispersão, no qual se produz essa resistência e essa memória, se dá a partir de uma episteme própria” (SILVA, 2019, p.9) num processo de etnogênese (BARTOLOME, 2006), (HILL, 1996).

A dispersão, sob a batuta dos conceitos que aqui utilizamos, se transforma em possibilidades: o que poderia ser associado à extinção oficial permite ao povo saltar de uma condição de invisibilidade e/ou inexistência” (SILVA, 2019, p.264) transformando-a em resistência criativa e teimosa. A dispersão não revela apenas a formação da identidade Xetá e sim a formação de identidades Xetá. Como não se valer desse aprendizado de quem realmente somos no estado do Paraná?

PALAVRAS-CHAVE: Povo Xetá. Memória Coletiva Xetá. Etnogênese. Transfiguração Epistemológica. Dispersão.

REFERÊNCIAS

BARTOLOME, Michel A. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. *Mana* vol.12 no.1. **Scientific Electronic Library Online – SciELO**. Rio de Janeiro Apr. 2006.

BLACK, E. **Guerra contra os fracos:** a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante; tradução Tuca Magalhães. – São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

BOHR, Niels. **Física atômica e conhecimento humano:** ensaios 1932-1957; tradução Vera

Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiróz, 1987.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. – 4.ed.. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CIOFFI, H. **Cianorte**: sua história contada pelos pioneiros. Maringá: Gráfica Ideal, 1995.

EVANGELISTA, Luiz R. **Perspectivas em História da Física - Vol I - Dos Babilônios à Síntese Newtoniana**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2011.

FERNANDES, Natália. **Infâncias, direitos e participação**: representação, práticas e poderes. Porto: Afrontamento 2009.

ISAACSON, Walter. **Einstein, sua vida, seu universo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HILL, Jonathan. **History, power and identity**: ethnogenesis in the Americas 1492- 1992. University of Iowa Press. Iowa City, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Trad. Sieni Maria Campos e Hyolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

LIMA, Edilene Coffaci; SILVA, Maria Angelita da; PACHECO, Rafael. Xetá: a renitente batalha. In: RICARDO, Fany; RICARDO, Beto. (Ed.). **Povos Indígenas no Brasil 2011-2016**. São Paulo: Instituto Socioambiental. 2017. p. 781-784.

MORI, Nerli. N. R. **Memória e identidade**: a travessia de velhos professores através de suas narrativas orais. Maringá: EDUEM, 1998.

PACHECO, Rafael. M. **Os Xetá e suas histórias**: memória, estética, luta desde o exílio. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Antropologia PPA- UFPR, 2018.

PRADO, F. M. **Fazendo antropologia na rua**: a gênese da produção social da marginalidade entre os “flanelinhas”. Universidade Estadual de Maringá. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. 2016.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto; VEIGA, Fátima. **Pobreza Infantil**: realidades, desafios, propostas. Famicão: Humus, 2010.

SILVA, Carmen L., **Sobreviventes do extermínio**: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá. 1998. 289f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

_____, Carmen. L. **Em busca da sociedade perdida**: O trabalho da memória Xetá. 2003. 279f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SILVA, Maria. Angelita Djapoterama da. **Criança Xetá**: da memória da infância à resistência de um povo. 1. ed. Maringá-PR: Massoni, 2017a. 326 p.: Il. Coleção Memória Xetá.

_____, Maria Angelita da. **Criança Xetá no contexto latino-americano**: memória, identidade

e fronteira. In: MÜLLER, Verônica Regina Müller (Org.). **Crianças em fronteiras: Histórias, Culturas e Direitos**. Curitiba: CRV, 2017b. p. 69-87.

_____. Maria Angelita da. **Vulnerabilidade na Infância e Adolescência e as Políticas Públicas de Intervenção**. Maringá PR: NEAD/UNICESUMAR, 2017c.

_____, Maria Angelita da. **Memória e identidade do Povo Xetá: narrativas visuais e memória coletiva no quadro da dispersão**. 2019. 276 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

_____, Maria Angelita da. MORI, Nerli Nonato Ribeiro. QUERO OS MEUS BRINCOS: Memória da Infância, Patrimônio e Identidade na Saga do Povo Xetá. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, v. 05, n. 14, p. 560-572, maio/ago. 2020.

RIBEIRO. Darcy. **Os índios e a civilização**. 1 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SPENASSATTO, Josiéli A. **Os lados da mistura: desafios da coabitação e dos intercassamentos na Terra Indígena São Jerônimo (PR/Brasil)** Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2016.

TOMÁS, Catarina. **Há muitos mundos no mundo: cosmopolitismo, participação e direitos da criança**. Porto: Afrontamento, 2011.